

Editorial

O título do presente número, aludindo *O florescimento do psiquismo*, revela a importância do conflito estético neste nascedouro. Contudo, nem sempre “tudo são flores”... e, assim, tentamos apreender o possível também das mazelas, desencontros e buracos que desviam ou impedem o florescer do psíquico...

Considerando o momento no qual escrevo este editorial, tempo de total devastação no estado do Rio Grande do Sul, questiono: como falar em florescimento? Como apreender a beleza do objeto em contextos onde prevalece o horror? Como pensar psicanaliticamente quando terror, angústia e impotência invadem mente e corpo? Como saímos de nossos consultórios e passamos turnos em abrigos acolhendo pessoas inundadas pela súbita perplexidade de perder sua moradia, referências, família, animais de estimação, objetos pessoais... suas vidas? Como podemos seguir acreditando na beleza da vida quando temos nossos próprios objetos internos imobilizados em suas capacidades de encontro com o belo?

Não aprendemos até hoje os efeitos das mudanças climáticas, mantendo-nos aprisionados dentro dos muros do negacionismo, o que compromete o conflito estético, o florescimento do psiquismo.

Ailton Krenak (2020), em entrevista¹ ao Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, refere estarmos experienciando a febre do planeta. O momento que vivemos mostra a reação do *organismo Terra* às ações predatórias e destrutivas dos seres humanos. Enfatiza que nosso auto centramento e tendência a dominar, extrair e explorar está nos impedindo de ouvir este descompasso, salientando que estamos *divorciados*, descolados do corpo Terra. É uma visão que considero *psicanaliticamente ambiental*.

Donald Meltzer é um dos autores em Psicanálise que, em toda a sua obra, mais evidencia a importância e a capacidade de contato com o mundo interno, com o inconsciente, salientando tanto a beleza do interior do objeto como seu horror. Seu legado amplia e enriquece a psicanálise, revelando-nos como o olhar para contextos primitivos permite que consideremos as dimensões mais profundas da mente. Sua obra impactou e influenciou de forma inquestionável a psicanálise contemporânea.

Irreverente, autêntico e criativo, Meltzer é um autor atual. Mais do que nunca, o seu modelo pessoal e profissional de busca por coerência, posicionando-se de forma clara frente a contextos em que a mentira e o poder preponderam,

¹ <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>

Ana Cristina Pandolfo

proporciona a todos nós norte e perspectiva; esperança no encontro de duas mentes que podem trabalhar de forma criativa.

A presença *on-line* de Meg Harris Williams em nossa sociedade em 2023, em comemoração ao centenário de nascimento de Donald Meltzer, presenteou-nos com uma atividade científica rica e estimulante. Após entrevistá-la, a comissão editorial entusiasmou-se com a ideia de ampliar a publicação de sua entrevista, conferência e comentários, produzindo um número especial dedicado a Meltzer. Foi um encontro fértil que estimulou a produção de vários novos artigos.

O conflito estético e o método psicanalítico, trabalho apresentado por Meg Harris Williams, aborda a própria psicanálise como objeto estético e a história natural da sua evolução, percorrendo ajustes de continente-conteúdo, conflitos emocionais e impedimentos para a verdadeira transferência infantil.

A partir disto, cada um dos comentaristas discorreu sobre a sua conferência. Clara Nemas salienta a importância da atmosfera de intimidade e respeito na construção do *setting*, tendo como protótipo a relação entre as mentes da mãe e a mente incipiente do bebê. Virginia Ungar resgata a necessidade de manter viva a tradição em um mundo em transformação, salientando que a atitude de curiosidade e tolerância são essenciais no contexto de incertezas inerentes ao trabalho analítico. Germano Vollmer aponta para a importância da capacidade do analista em conter as dores inerentes ao conflito estético e assim descobrir o interior, as emoções do objeto, considerando as separações como parte do desenvolvimento psíquico.

Em *Apreensão do belo à luz da arte contemporânea: enigma e mistério*, João Frayze-Pereira dialoga com a utopia. Apreensão do belo, Romantismo, arte contemporânea, enigma e mistério, são integrados em um artigo que revela que a beleza se situa no campo da imaginação utópica.

O tema *A criatividade no pensamento de Donald Meltzer* é abordado por Marisa Pelella Mélega através da relação entre produção artística e criatividade, enfatizando que esta é resultante da capacidade de transformar experiências emocionais em símbolos autônomos, indo na direção da ampliação da mente simbólica.

Elias Mallet da Rocha Barros e Elizabeth Lima da Rocha Barros apresentam *Reflexões sobre o simbolismo inspirado na ótica de Donald Meltzer*, abordando o conceito de *forma simbólica* para definir a base da vida mental que articula inconsciente e consciente, bem como a mobilidade entre estes. Teorias filosóficas são discutidas à luz do papel dos sonhos e das imagens como elementos de simbolização. A abordagem integrada entre psicanálise, filosofia, arte, mente e sonhos revela a complexidade do trabalho psicanalítico.

Em *A forma d'água: impacto estético e seu poder transformador*, Cássia Teixeira Assef descreve uma detalhada e transparente experiência clínica *on-line*, na qual entende ter ocorrido transformações a partir do impacto estético, envolvendo a bidimensionalidade e sua complexização, ampliação.

Alguns artigos recebidos para este número abordam as consequências tanto da ausência do encontro potencialmente criativo como de encontros permeados por destrutividade.

E é assim que, em *Édipo a contraponto*, Luiz Meyer propõe um vértice de compreensão de Édipo que olha para o sujeito privado de experiências amorosas primárias e, assim, dá voz ao sofrimento, injustiça e tortura perpetradas desde seu nascimento. As vozes de autores como Freud, Bion, Melanie Klein, Laplanche, Meltzer e Ferenczi dialogam com esta denúncia político-social, ausente ou escondida nas entrelinhas do original Édipo Rei.

Renato Trachtenberg, em *Paixão e anti-Paixão no conflito estético*, aprofunda e discute os vínculos anti-emoção ou anti-vínculos em função da frágil tolerância frente ao conflito estético. Desta forma, inveja e estupidez do mal, para o autor, interferem na frágil sustentação do conflito estético, levando a estados mentais des-integrados e des-apassionados.

Considerações sobre a utilidade do conceito de claustro na prática psicanalítica de Rafael Samuel Giordani aborda clinicamente o conceito de vida no claustro, mostrando a interferência das identificações intrusivas, muito primitivas, na percepção apropriada do *self*.

Na seção *Temas diversos*, publicamos artigos que abordam temas distintos ao eixo temático proposto, apresentando novos vértices para reflexões.

Em seu artigo *Transformações em alucinação: o destino de uma primavera imortal*, Elena Tomasel desenvolve, a partir de uma experiência clínica, a perspectiva de oscilação do trabalho psicanalítico entre as dimensões psicótica e não psicótica da personalidade, ambas vivenciadas como transformações em alucinação.

Davi Berciano Flores, em *Cumulonimbus: um continente para a complexidade*, trabalha as concepções de espacialidade, deixando clara a complexidade do pensamento de Bion em seus múltiplos vértices. Parte de um fragmento clínico e vai revelando formas de construção do espaço psíquico a partir do encontro entre duas mentes.

Danielly Passos de Oliveira e Luis Claudio Mendonça Figueiredo, em *Fragilidades no Self: Considerações sobre a Clínica Psicanalítica em Pacientes com Distúrbios Narcísicos de Personalidade*, trazem Kohut e sua visão de *self*, discutindo os desafios da clínica atual com estes pacientes.

Ana Cristina Pandolfo

Bruno Cardoso Lages e Carlos Augusto Peixoto Junior em seu artigo, *O papel da imaginação na construção de espaços de existir*, apresentam um percorrido de diversos autores psicanalíticos e na filosofia, buscando definir a imaginação na clínica como um conjunto de virtualidades que constroem espaços de existir.

A entrevista concedida por Meg Harris Williams, considerada como *objeto inspiracional* para a realização do presente número, contou com a participação de toda a Comissão editorial da Revista na organização das questões, proporcionando uma experiência significativa de trocas espontâneas. A partir de sua trajetória profissional, ela dialogou sobre diferentes questões: a fertilização do belo na literatura, na arte e na teoria psicanalítica; o belo relacionado à função inspiracional do objeto e não apenas ao seu aspecto confortante ou consolador; a escrita como uma forma de arte, diferenciando-a da escrita psicanalítica, e, por último, o modo como era realizado o seu trabalho colaborativo com Meltzer.

Por uma estética psicanalítica: homenagem a Meltzer é o artigo de Gabriela Goldstein em nossa seção *Psicanálise em diálogo*. Elena Tomasel, editora associada responsável pela seção, destaca que a autora aborda a intersecção entre Psicanálise e experiência estética, salientando a vivência do *belo* como experiência chave para os desenvolvimentos clínico-psicanalíticos. Examina os aprofundamentos feitos por Donald Meltzer ao explorar as especificidades do conflito estético, revelando a beleza como um fenômeno complexo que produz reações emocionais constituintes dos fundamentos da vida psíquica e do surgimento das formas pré-simbólicas na formação de pensamentos.

A seção *Resenha* desta vez foi realizada por Bernardo Tanis, tratando do livro de Ruggero Levy, *A Simbolização na Psicanálise*, o qual apresenta a trajetória, que envolve clínica e teoria, percorrida por Levy ao se deter sobre temas como a simbolização, os processos de subjetivação e as vicissitudes destes.

Encerro este editorial retomando a reflexão de abertura, em que a problemática do trauma dialoga com os processos de simbolização, com o florescer do psiquismo.

Eventos catastróficos, como guerras, acidentes e tragédias climáticas, impactam de forma inquestionável nossa capacidade de representar, sonhar, criar, simbolizar. Precisamos de tempo, investimento e acolhimento do desamparo perpetrado via trauma, contextos de expressão e a perspectiva de que, no encontro de mentes, possam florescer brotos transformacionais. A arte nos mostra como sua força e potência surge a partir de contextos em que dor, medo e contato próximo com a ameaça existencial são vivenciados, ficando ali à espera de algo, de um continente que permita um *encaminhamento transforma-dor*. Assim ocorreu nas

grandes guerras, no Holocausto, no regime militar no Brasil... assim percebemos a força da cultura que nasce nas comunidades carentes.

Desejo a todos uma leitura *inspira-dor-a!*

Ana Cristina Pandolfo

Editora-Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*